

PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA INGLESA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UFRN

Lauro MELLER
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Neste *paper*, trazemos o relato de nossa experiência como professor da disciplina Práticas de Leitura e Escrita em Língua Inglesa – PLE, na Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (ECT-UFRN), em Natal. Essa Unidade Acadêmica, fruto direto do REUNI (Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras), adota um modelo de graduação em dois ciclos e trabalha com turmas numerosas, o que nos obriga a repensar tanto as estratégias de ensino-aprendizagem como o conteúdo ministrado. Assim, tentamos nos afastar de um enfoque tradicional pautado no ensino de gramática e vocabulário, muitas vezes aplicado em aulas de inglês instrumental, e abraçamos uma abordagem sócio-interacional, preconizada por autores como Charles Bazerman, para o qual os gêneros discursivos são organizadores das práticas de leitura e escrita em nossa sociedade. Pretendemos levar o aluno a compreender que, para atuar como cidadão protagonista em uma sociedade grafocêntrica, é necessário não apenas o domínio do idioma, mas um conhecimento empírico de mundo, o manejo de estratégias de leitura, a identificação da função social do(s) texto(s) em foco etc. Pensamos já ter alcançado alguns resultados positivos trabalhando ESP nessa perspectiva; contudo, há ainda desafios a serem superados, pois dispomos de uma reduzida carga horária (30 h/a), lidando com turmas de até 150 alunos, muitos dos quais *real beginners* ou que, pertencendo à área de Ciências e Tecnologia, demonstram pouco ou nenhum interesse pela disciplina. Ao expormos nossa experiência, pretendemos trocar informações com colegas professores universitários de inglês no sentido de discutirmos possíveis soluções para os desafios acima descritos, ao mesmo tempo compartilhando dicas sobre abordagens metodológicas a serem aplicadas em situações semelhantes, materiais a serem utilizados, sites de interesse, estratégias para se trabalhar com turmas numerosas etc.

PALAVRAS-CHAVE: ESP; inglês instrumental; práticas de leitura e escrita em inglês

ABSTRACT: *In this paper, we bring to light our experience as a professor of Reading and Writing Practices in English (PLE, from the acronym in Portuguese) at the School of Sciences and Technology of the Federal University of Rio Grande do Norte (ECT-UFRN), in Natal. This Academic Unit, a direct offshoot of the REUNI (Re-structuring and Expansion Program of the Brazilian Federal Universities), adopts a 2-cycle undergraduate model and deals with large groups, factors which make us re-think both the teaching-learning methodologies as well as the course syllabus. Thus, we try to avoid a more traditional approach based on grammar and vocabulary exercises, many times used in ESP classes, in favour of a socio-interactive approach, advocated by authors like Charles Bazerman, to whom discursive genres are responsible for organizing the reading and writing practices in our society. We intend to make the student perceive that, in order to be an active citizen in a “graphocentric”*

society, it is necessary to know not only the language, but also an empiric knowledge of the world, how to handle reading strategies, how to identify the social function of the genres being used etc. We believe some headway has already been made working ESP in such a perspective; nevertheless, there are still challenges to overcome, since we have a limited number of credit hours (30h altogether), dealing with groups of up to 150 students, many of whom are real beginners or who, because of their coming from the Science and Technology branch, show little or no interest in the subject. By talking about our experience, we hope to exchange information with fellow professors in the sense of discussing possibilities to overcome the challenges described above, at the same time sharing hints about methodological approaches to be adopted in similar circumstances, as well as materials to be used, interesting websites, strategies to work with large groups etc.

KEYWORDS: *ESP; reading and writing practices in English*

A Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (ECT-UFRN) iniciou suas atividades em 2009, na capital potiguar. É uma das primeiras Unidades Acadêmicas especializadas, no Brasil, a adotar o modelo de graduação em dois ciclos, em seu Bacharelado em Ciências e Tecnologia (BCT). A forma de organização curricular do curso prevê que o aluno cumpra disciplinas comuns às áreas de engenharias e ciências, para só depois optar por uma carreira específica.

O primeiro ciclo tem duração de três anos, sendo os dois primeiros de formação generalista; no 5º e 6º períodos, os alunos cursam disciplinas voltadas a uma determinada ênfase, visando ao ingresso no curso subsequente, seja ele Engenharia de Petróleo, Mecatrônica, Elétrica etc. Dentre as componentes curriculares do Bacharelado, quase todas nas áreas de Matemática, Física e Química, incluem-se as cadeiras de Práticas de Leitura e Escrita (PLE). As disciplinas de PLE são voltadas tanto ao ensino de Língua Portuguesa (PLE 1, 2, 4 e 6) como de Língua Inglesa (PLE 3 e 5).

Neste *paper*, trazemos o relato de nossa experiência como professor da disciplina PLE3, a primeira em Língua Inglesa cursada pelos alunos do BCT. Ainda que tenhamos à nossa disposição uma ótima estrutura física, que conta com auditórios climatizados e equipados com recursos tecnológicos, tais como projetor de data show e lousa interativa, a tarefa de ministrar aulas de inglês instrumental para alunos da área de Ciências e Tecnologia nos apresenta alguns desafios. Esses percalços podem ser assim resumidos: (i) uma reduzida carga horária de 30h/a, distribuídas ao longo de aproximadamente três meses e meio, ao ritmo de um encontro semanal de uma hora e quarenta minutos cada um; (ii) turmas bastante numerosas – no nosso caso, alocadas em anfiteatros com capacidade para 150 alunos –, em conformidade com o que preconiza o programa REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), no que se refere à ampliação da oferta de vagas nos cursos de graduação nas IFES (Instituições Federais de Ensino Superior); (iii) a heterogeneidade das turmas, formadas por alunos que, em geral, ingressam na Universidade com quase nenhum conhecimento do idioma-alvo, havendo inclusive muitos *real beginners*; (iv) o desinteresse de muitos desses alunos, haja vista (ainda) não perceberem a importância de um profissional da

área de Ciências e Tecnologia (ou de qualquer ramo do conhecimento) dominar pelo menos os rudimentos básicos da Língua Inglesa.

Sendo PLE3 uma disciplina do 3º período, e como a ECT iniciou suas atividades em 2009.2, essa componente curricular foi ofertada pela primeira vez no ano seguinte, pela Profª Drª Marcela Aparecida Cucci Silvestre. A partir de 2010.2, integramo-nos à equipe da ECT-UFRN, passando a dividir com essa docente a responsabilidade de ministrar a cadeira. O núcleo de professores de PLE, formado por 5 docentes do quadro efetivo da UFRN e por uma professora substituta, adota um enfoque sóciointeracionista, calcado no ensino de gêneros discursivos e voltado para as situações reais de uso da língua. Além disso, a equipe busca atuar de forma integrada, uniformizando, sempre que possível, os slides de aulas, os exercícios presenciais e virtuais etc.

As aulas de PLE3 – Inglês são quase sempre compostas por uma introdução teórico-expositiva, seguida por um exercício realizado em pequenas equipes. Na primeira parte da aula, veem-se tópicos que já são consagrados no ensino de ESP. Após uma introdução geral sobre leitura (*Reading*) e sobre a importância do inglês como Língua Franca no contexto atual, versamos sobre Estratégias de Leitura (*Skimming, Scanning, Prediction* etc), *Word Formation, Linking Words, Cognates & False Cognates*, dentre outros tópicos. Nesse aspecto, acreditamos não haver grande novidade entre o trabalho que vimos desenvolvendo e aquele que normalmente se faz em uma aula de Inglês Instrumental.

Iniciamos os encontros de PLE-Inglês trabalhando estratégias como inferência contextual e reconhecimento de gêneros discursivos. Acerca daquele tópico, um exercício já bastante conhecido, mas que mantém sua atualidade, é aquele proposto por Michael Scott, e reproduzido abaixo. Nele, os alunos têm de inferir, pelo contexto, o sentido das palavras “inventadas” (em itálico). Perceba-se que, mesmo não existindo no repertório lexical da língua portuguesa, essas palavras seguem uma lógica: “plomar” é um verbo no infinitivo, “saltipou” e “saltipações” são, respectivamente, um verbo no pretérito perfeito e um substantivo no plural – ambos com o mesmo radical –, “corriscando” é um verbo no gerúndio etc. A dica passada aos alunos é que, quando se depararem com um texto em inglês que contenham palavras desconhecidas, essa mesma estratégia de reconhecimento pode ser utilizada.

PROBLEMA NA CLAMBA

Naquele dia, depois de *plomar*, fui ver *drão* o Zé queria ou não ir comigo lá na *clamba*. Achei melhor *grulhar-lhe*. Mas, na hora de *tungar* o número, vi-o passando com a *golipesta* – e me dei conta de que ele já tinha outro programa. Então resolvi ir à *clamba*. Ao chegar na *clamba*, estacionei o *zulpinho* bem *nacinho*, pus a chave no bolso e desci correndo para aproveitar ao *chinta* aquele sol gostoso e o mar *pli sulapente*. Não parecia haver nem *galpo* na *clamba*. Tirei os *grispes*, pus a *bangoula*. Estava *pli* quieto ali que

até me *saltipou*. Mas esqueci logo das *saltipações* no prazer de nadar no *tode*, inclusive tirei a *bangoula* para ficar mais à vontade. Não sei quanto tempo fiquei nadando, *siltando*, *corriscando*, até *estopando* no *tode*. Foi depois, na hora de voltar à *clamba*, que vi que nem os *grispes* nem a *bangoula* estavam mais onde eu tinha deixado. O que fazer? (SCOTT, 1981).

Trabalhada logo nas primeiras aulas, essa atividade será lembrada aos alunos nas semanas subsequentes, toda vez que uma inferência contextual for requisitada na decifração de um texto em língua inglesa. Fica também aberta a possibilidade de se adaptar essa tarefa a outros textos, sempre com a intenção de demonstrar ao aluno, de modo prático, a importância do contexto no processo de leitura. Ademais, procura-se convencê-los de que é improdutivo buscar palavras individualmente no dicionário, e que muito mais interessante é perceber o seu sentido quando lançamos ao texto um olhar mais amplo. Essa percepção da “big picture” também diz respeito ao reconhecimento dos diferentes gêneros discursivos/textuais. Ao longo das aulas, chamamos a atenção dos alunos para a importância de saber reconhecê-los, não apenas em nível de linguagem, mas também no que se refere ao seu layout e à sua função social.

A fim de aliarmos teoria e prática, exibimos, numa das primeiras aulas, exemplos de notas de compra, não apenas em inglês, mas em outros idiomas (espanhol, croata, sueco). Nosso intuito é demonstrar, principalmente aos alunos que têm certa resistência ao estudo da língua inglesa que, mesmo num idioma totalmente estranho ao português, é possível deduzir (leia-se inferir) algumas informações. Para alcançarem tal intento, devem aplicar algumas das estratégias vistas em sala de aula (*skimming*, *scanning*), bem como lançar mão do seu conhecimento empírico de mundo (conhecimento prévio).

Reproduzimos, abaixo, uma das notas de compra utilizadas nessa aula:

```

Restaurant
" T I F A N I "
SPLIT, POLJANA KRALJICE JELENE 5
SREBRENA VRATA d.o.o. MB:1454031
tel: 021/329-070

.....
Naziv          Cijena Kol.   Iznos
.....
GOVEBI STEAK MADAG 130.00 1.00   130.00
SVJEZE RAJSICE   20.00 1.00   20.00
PELJEŠAC 1L     100.00 1.00  100.00
.....
UKUPNO          =         250.00
.....
GOTOVINSKO
Rn. 0003179 12.09.08 22:07 3 6 R1

Porez na potrošnju...:         2.40
PDV 22.00%- ....:         44.65
.....
U CIJENU JE URAČUNAT PDV.

HVALA NA POVJERENJU

```

Juntamente com os alunos, passamos à análise de alguns dos elementos do documento acima. Com base no seu conhecimento prático, imediatamente deduz-se que se trata de uma nota de caixa, informação indicada pelo layout, seja pela distribuição das informações em colunas, seja pela curta extensão do documento, seja, ainda, pela impressão “pontilhada”.

O conhecimento de cognatos também auxilia na decifração da nota; no caso do texto em tela, escrito em croata, o uso de tal estratégia se resume a “*Restaurant*”, embora haja também a ocorrência “*Steak*” que, se não é palavra de origem portuguesa, já é amplamente utilizada no Brasil (e, ao que parece, também na Croácia).

Se no exemplo da nota em croata o reconhecimento de cognatos não nos leva muito longe, em se tratando do inglês essa estratégia se provará bastante útil. Embora uma das aulas da disciplina PLE3 seja dedicada aos *False Cognates*, buscamos passar a mensagem de que os alunos não devem assumir uma postura “desconfiada” toda vez que se depararem com um termo semelhante àquele usado em português, acreditando tratar-se de um “falso amigo”. Pelo contrário: como entre o português e o inglês há muito mais cognatos (semanticamente compatíveis) que falsos cognatos, estimulamos os alunos a identificarem essas semelhanças, utilizando-as a seu favor.

Assim como orientamos os alunos a não se preocuparem excessivamente com os cognatos, haja vista eles facilitarem a leitura, do mesmo modo destacamos que as informações numéricas, grafadas em algarismos arábicos, não representam dificuldade a um aluno brasileiro. Do mesmo modo, as indicações de medidas fornecem pistas úteis. No caso em tela, o terceiro item comprado será, provavelmente, uma bebida, fato indicado pela inscrição “1L”. Além disso, as informações acerca de data e horário da compra podem ser corretamente

interpretados pela utilização dos algarismos (idênticos aos que utilizamos em português) e pela sua disposição no documento: “12.09.08”, “22:07”. Do mesmo modo, pode-se inferir que a inscrição “PDV 22%” se refere a alguma taxa cobrada sobre o total da compra, algo equivalente ao nosso ICMS.

Recomendamos também que os alunos fiquem atentos aos tipos gráficos: tamanho da fonte, caixa alta, negrito, itálico, tipo de fonte etc. No exemplo acima, temos a inscrição “UKUPNO: 250.00”, em caixa alta e em negrito. Pelo destaque que recebe e por sua localização no documento, somos levados à conclusão de que se trata da soma. Essa estratégia de inferência seria o bastante para se entender o documento; e, de fato, ao consultarmos um dicionário online croata-inglês¹, encontramos para “Ukupno” as traduções “altogether”, “total” e “entirely”, o que confirma nossa suspeita.

Do mesmo modo, as palavras “Naziv”, “Cijena”, e “Iznos”, por sua disposição no documento, nos levam a crer que sejam, respectivamente, “item / produto”, “valor unitário” e “subtotal”. Ao consultarmos um dicionário, as traduções não eram exatamente essas, mas eram próximas o bastante para validar nossa leitura: “Naziv” = “term / name / identifier”; “Cijena” = “charge / cost / price / rate / fee”; “Iznos” = “sum / value / amount”². Em outras palavras, assim como demonstrado no exercício “Problema na Clamba”, a dedução do sentido de algumas palavras pelo contexto, embora muitas vezes não nos leve a uma tradução precisa, nos fornece pistas suficientes para que possamos atribuir sentido ao texto; em outras palavras, somos capazes de lê-lo. Finalmente, atentemos para a frase “Hvala na Povjerenju”, ao final da nota. Fazendo-se uma analogia com uma nota de compra em português, facilmente deduzimos tratar-se de alguma frase como “Obrigado pela Preferência” ou correlato.

Vejamos abaixo mais um exemplo utilizado nessa mesma aula, em que, igualmente, os alunos são levados não apenas a tentar decifrar os elementos textuais, mas também a observar o layout do documento. Trata-se de uma nota referente a uma corrida de táxi, na cidade de Estocolmo. Essas informações são facilitadas pelo cognato “taxi” e pelo topônimo “Stockholm”. Alguns dados podem ser inferidos indiretamente. Por exemplo, foi indagado aos alunos em que país havia sido emitido esse documento. Mesmo que não soubessem que Estocolmo é a capital da Suécia, esse dado poderia ser recuperado pelo endereço da *website* mencionada na nota (www.taxistockholm.se), somado ao conhecimento de que a extensão do endereço se refere ao país de origem.

¹Disponível em: <<http://www.eudict.com/index.php?word=ukupno&go=Search&lang=croeng>>. Acesso em: 26 abril 2012.

²Disponível em: <<http://www.rjecnik.com/logindict.cgi>>. Acesso em: 26 abril 2012.

**TAXI
STOCKHOLM**
15 00 00
www.taxistockholm.se
orgnr 556027-9811

Taxi 1034 Regnr CGM687
Förarkod 217648
Kvitto nr 1784/1

RESESPEC
Fr 2000-03-31 08:32-08:44
Färd 3,7 km
Best.nr 42260486

Tariff	Min	Km	Kr
Grund	0	0,00	28
F	2	2,38	43
Hold	6	1,35	0

Taxameterbelopp 73
SUMMA 73,00
Inkl 12,00% mons 7,82

Prisinfo	Summatariffer
Tariff	Kr/min Kr/km
F	6,00 1,00
2	4,90 7,20

NAMIRS TAXI AB
LUNDAGATAN 10 III
171 63
SOLNA
556539-5547
Senaste plomb 2000-01-24
Tk 6266 Säkerhetskod FF

KUNDTJÄNST
728 27 00
kund@taxistockholm.se
Fax 612 03 90
Tack och välkommen åter!

As informações numéricas e alfanuméricas podem ser correlacionadas com exemplos em português. Por exemplo, “CGM687” correspondendo ao número da placa (fato comprovado pela inscrição Regnr, Registration Number ou equivalente em sueco, indicando serem termos cognatos); “3,7km”, referente ao trajeto percorrido; “08:32-08:44”, horário em que se fez a corrida de táxi. Outros termos são quase cognatos, o suficiente para arriscarmos algumas interpretações: “Tariff” (Tarifa), “Min” (Tempo transcorrido em minutos), “Taxameterbelopp” (Alguma informação referente ao medidor do táxi, taxímetro), “Summa” (soma). Ao final do documento, a inscrição “Tack och välkommen åter” provavelmente cumpre a mesma função da anotação “Hvala na Povjerenju”, do documento anteriormente analisado.

Após fazermos a exposição de alguns gêneros e de demonstrarmos estratégias de como utilizar layout, cognatos e outras características e favor da sua interpretação, passamos a uma atividade presencial (em duplas ou trios), em que os alunos trabalharão com mais alguns exemplos de gêneros. Abaixo, temos (B) um anúncio classificado, (C) uma carta pessoal, (D) um verbete de dicionário e (E) uma receita culinária (exemplos retirados de ABSY, 2010).

FOR SALE

CANE CHAIRS (2) one large \$35, 1 small \$10. 70 3211

PHILIP TV 83cm color in good condition \$350. Lounge B seater as new \$550. 708 1217

PHILIPS refrigerator, good working condition, \$100. 74 2091

LARGE green lounge, excellent condition, \$50. Garden seats and large pots. 78 8515

SEWING MACHINE Brother industrial plain sewer, excellent condition, very little use, suit outdoor worker or factory \$850. 759 9022 after 8 pm.

SKI BOOTS, ladies 8/2, white & black, men's size 12 in navy, weinmann wind ups, \$80 each or best offer. Ladies' stocks included. 71 6801.

New York
16 March

Dear Anna,

Please write and tell me if you can come. I'm looking forward to practising my Italian and, most of all, to seeing you again.

Life is just the same here. We have got more or less the same students in our class but we have a new teacher this term. She's nice but we have to work very hard! Everyone really misses you.

D **straight** /streɪt/ *adj* 1 not bent or curved: Draw a straight line. 1 hate having such straight hair. 2 level or upright: Put the mirror straight. 3 with no water added (used of an alcoholic drink) 4 serious: This is his first straight play. 5 **straight answer** an honest answer 6 **straight choice** a simple choice between two things 7 **keep a straight face** *inf* not smile or laugh even when something is funny.

E

1 (15 oz.) can Hormel Chili No Beans
1 (6 oz.) can vegetable juice
1/2 cup chopped onion
3 cups frozen vegetables, thawed, drained
4 cups cooked rice

In large sauce pan, combine chili, vegetables juice, and onion; cook 5 minutes over medium heat. Stir in mixed vegetables. Cover; simmer an additional 4 minutes. Serve over rice. Serve four.

O questionário passado aos alunos, para ser respondido em português, era o seguinte:

1. A quais gêneros pertencem os textos?;
2. O que nos permite identificar os gêneros? (pode-se escolher mais de uma alternativa):
 - a. O formato (Layout);
 - b. Os recursos tipográficos (Negrito, Itálico, etc.);
 - c. As palavras características de cada tipo de texto;
 - d. O tipo de letra (fonte);
3. Justifique sua resposta anterior;
4. Cite características relacionadas à linguagem do texto 'C' que o diferencia dos demais;
5. O que está descrito no texto 'E' e como você chegou a essa conclusão?;
6. Em que tipo de publicação encontraríamos o texto 'D'? No texto 'D', após serem dadas as explicações formais dos significados da palavra, o que é exemplificado em seguida?;
7. A que tipo de leitor os textos 'A' e 'B' são destinados? (1,0).

Observe-se que a intenção do questionário não é que o aluno compreenda todas as palavras do texto, mas que aplique estratégias como *skimming*, *scanning* e *prediction*, respectivamente fazendo uma leitura do “todo”, a seguir buscando informações específicas e, finalmente, inferindo informações com base em um conhecimento prévio (o layout de um classificado de jornal, por exemplo, ou a organização de uma receita culinária em “ingredientes” e “modo de preparo”), e assim por diante.

Temos a perfeita noção de que o processo de leitura de textos em língua estrangeira não se resume à dedução de alguns elementos “soltos” no corpo do documento, e conscientizamos os alunos disso. No entanto, ao explorarmos essas estratégias de leitura logo nas primeiras aulas, esperamos quebrar a resistência de alguns alunos que alegam nada saber em se tratando de língua inglesa, demonstrando que há várias maneiras de se fazer a leitura de um texto, lançando mão não apenas das informações linguísticas, mas também contextuais, conhecimento prévio etc.

Outro ponto provavelmente em comum com outros professores de Inglês Instrumental é que lidamos, quase sempre, com alunos de áreas as mais diversas, os quais muitas vezes não se envolvem como seria de se esperar com as disciplinas “generalistas”, como é o caso de PLE. Nesse particular, um dos nossos desafios é conquistar a adesão da plateia (e o termo é esse mesmo, uma vez que as turmas são alocadas em anfiteatros com capacidade para 150-160 alunos e que mais se assemelham a um cinema do que a uma sala de aula tradicional). Sendo assim, tentamos reduzir ao mínimo o texto de exposição da aula, para evitar a dispersão dos alunos, e logo passamos a um exercício de leitura e resolução de questões, realizado em pequenas equipes. Com o fito de promover o interesse desses alunos, selecionamos materiais que pertençam à área de Ciências e Tecnologia.

Sabemos que a aplicação desses exercícios em caráter individual constituiria instrumento mais confiável para se aferir o aproveitamento do aluno. Todavia, dada a dimensão das turmas, levar-se-ia muito tempo, mesmo com o auxílio dos bolsistas e monitores da disciplina, para corrigirmos e devolvermos os exercícios. Abra-se aqui um parêntese, para explicarmos que, na Escola de Ciências e Tecnologia, todos os docentes contam com equipes de monitores (selecionados dentre os graduandos) e bolsistas (oriundo de cursos de pós-graduação, principalmente de Letras). Eles nos auxiliam tanto na condução das aulas como, principalmente, na correção dos exercícios, havendo, em geral, reuniões periódicas para definição dos critérios de correção das atividades.

Voltando aos exercícios presenciais aplicados nas aulas de PLE, sabemos que, ao realizarmos as atividades em pequenos grupos, corre-se sempre o risco de um aluno responder pela equipe. Mesmo assim, o que normalmente testemunhamos em sala de aula é a prática cooperativa, em que alunos negociam o sentido do texto e as respostas dos questionários conjuntamente. Além disso, esforçamo-nos por dar um *feedback* aos alunos o mais

rapidamente possível, prática que julgamos essencial para o bom aproveitamento do curso. De nada adiantaria passarmos os textos com seus respectivos questionários, todas as aulas, e só devolvermos os mesmos aos alunos ao final do semestre; ao contrário, ao ritmo de uma aula semanal, buscamos sempre, no início da aula subsequente, devolver e comentar o exercício da aula imediatamente anterior.

Acerca da seleção de materiais, a princípio pesquisamos sites na Internet que tivessem textos de nível intermediário e que fossem organizados por temas, de modo a podemos selecionar aqueles atinentes à área de C&T. Um desses *sites* chama-se “Lesson Snips” (<http://www.lessonsnips.com/>), do qual selecionamos vários artigos, abordando temas como “Astronomy”, “Physical and Chemical Reactions”, “Understanding Newton’s Laws”, “Electricity and Circuits”, “Forces of Flight” e “The Earth’s Layers”, dentre outros. Pretende-se, com isso, não apenas conquistar a atenção dos alunos para assuntos que são do seu interesse, mas genuinamente construir uma aula interdisciplinar, na qual os conhecimentos prévios nas diferentes disciplinas contribuem para a compreensão do texto em inglês. Perceba-se que os temas cobrem áreas como Física, Geologia e Astronomia, havendo também outros textos no site que lidam com as áreas de Matemática, Química etc.

Em uma aula particularmente bem-sucedida, os alunos leram um texto sobre “Chemical and Physical Reactions”, tendo de decidir, numa lista, quais daqueles itens correspondiam a reações químicas ou físicas. Após acalorado debate acerca de uma questão em particular, este professor e seus monitores foram consultar o professor de Química, que, ao ler a questão em inglês, chegou à conclusão de que faltavam ali detalhes que permitissem aos alunos chegarem a uma definição. A questão foi anulada, mas longe de encararmos o problema de elaboração da pergunta como um fracasso, alegramo-nos em perceber o envolvimento dos alunos, que se engajaram numa produtiva argumentação, e também por resolvermos o impasse por meio da interdisciplinaridade.

Outro website que utilizamos como fonte na preparação das aulas foi o <http://www.bbc.co.uk/schools/gcsebitesize/>. A ideia foi procurar textos em sites do mundo anglófono destinados a alunos que, assim como os nossos, igualmente acabaram de se submeter a um teste de conhecimentos equivalente ao Vestibular. No caso britânico, trata-se do GCSE (*General Certificate of General Education*). Assim como no caso brasileiro, existe ali uma ampla revisão de conteúdos do Ensino Médio com o intuito de melhor preparar o aluno para o ingresso na vida universitária. Haja vista os conteúdos serem organizados por disciplina, torna-se fácil selecionar aqueles que se alinham aos tópicos de interesse dos alunos de Ciências e Tecnologia. Muitas dessas atividades já trazem questionários, sendo que em geral fazemos pequenas adaptações, por exemplo, solicitando que as respostas sejam dadas em português. Embora essa mudança possa dar a impressão de que se está facilitando a tarefa, na verdade buscamos verificar se de fato o aluno compreendeu o conteúdo do material lido, evitando assim a situação em que ele transcreve, *ipsis litteris*, as palavras originais do texto sem lhes ter apreendido o significado.

O componente curricular Práticas de Leitura e Escrita em Inglês é ainda um processo em construção, como, de resto, todo o Bacharelado em Ciências Tecnologia (cujo Plano Político-Pedagógico está passando por reformulações, neste ano de 2012). O que apresentamos neste *paper* é um relato superficial dos dois primeiros anos em que estivemos à frente dessa experiência nova, em vários aspectos. Diante de uma turma de 150 alunos – o que não é o padrão em se tratando de aulas de língua estrangeira, para dizer o mínimo –, muitos desafios surgem com relação à dinâmica das aulas, à distribuição de tempo nos encontros (entre parte expositiva e prática), à seleção de materiais para os exercícios presenciais etc.

No entanto, percebemos nesse processo uma rica oportunidade de reflexão do nosso fazer como professor de língua estrangeira. Trata-se de uma ruptura paradigmática que nos arranca da nossa “zona de conforto”, obrigando-nos a sermos mais criativos, mais produtivos e mais conscientes dos mecanismos que operam nesse novo contexto pedagógico.

Referências

ABSY, Conceição A.; COSTA, G. C. da; MELLO, L. F. de; SOUZA, A. **Leitura em língua inglesa: uma abordagem instrumental**. 2.ed. Barueri: Disal, 2010.

ARAÚJO, A. E.; CUNHA, A. A. **Mind your reading** – inglês instrumental com enfoque em leitura acadêmica. Natal, 2010.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GALLO, L. R. **Inglês instrumental para informática: módulo I**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2011.

GLENDINNING, E. H.; HOLMSTRÖM, B. **Study reading** – a course in reading skills for academic purposes. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HAMP-LYONS, L.; HEASLEY, B. **Study writing** - a course in writing skills for academic purposes. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

HOUAISS, A. **Dicionário Webster's Inglês-Português**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HUTCHINSON, T.; WATERS, A. **English for specific purposes** – a learning centered approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

Longman dictionary of English language and culture. Essex: Longman, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MUNHOZ, R. **Inglês instrumental** – estratégias de leitura. Módulo II. São Paulo: Texto Novo, 2004.

MURPHY, R. **Essential grammar in use**. Cambridge: CUP, 2010.

_____. **English grammar in use**. Cambridge: CUP, 2004.

NASCIMENTO, E. L. (Org.) **Gêneros textuais** – da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos: Claraluz, 2009.

SANTOS, D. **Como ler melhor em inglês**. Barueri: Disal, 2011.

SWAN, M.; WALTER, C. **How English works** – a grammar practice book. Oxford: Oxford University Press, 1998.

TAYLOR, J. **Dicionário Webster's Português-Inglês**. Rio de Janeiro: Record, 2007.